

**ESPORTE PARA TODOS? A SUPERFICIALIDADE  
DA COBERTURA JORNALÍSTICA DIÁRIA DOS JOGOS PAN-AMERICANOS**

Nathália Trofino Sartorato<sup>1</sup>  
Claudemir Cesar Hauptmann<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo analisa o espaço cedido e a abordagem utilizada por dois veículos de comunicação impressa diária de Cascavel - O Paraná e Gazeta do Paraná - na cobertura dos Jogos Parapan-Americanos de 2011, em Guadalajara, México. O estudo é dividido em duas partes, sendo a primeira uma análise comparativa e quantitativa do espaço ocupado nas edições dos dois jornais pelos Jogos Pan-Americanos e os Jogos Parapan-Americanos de 2011. O material coletado e analisado é referente ao período que compreende desde dois dias antes do início até dois dias depois do término de cada competição, totalizando 61 exemplares. A segunda parte, por sua vez, concentra-se na análise do conteúdo, partindo-se da hipótese de que os esportes praticados pelos para-atletas visam, acima de conquistas esportivas com desempenho atlético de alto nível, à inclusão social. A reflexão da narrativa utilizada pela imprensa esportiva é fundamental para que se possa observar que, apesar de ser uma ciência social, o jornalismo ainda carece de maior sensibilidade na abordagem do esporte, sobretudo na imprensa diária, para fugir da mera agenda e do lugar comum.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo esportivo, Jogos Parapan-Americanos, inclusão social, para-atletas.

**INTRODUÇÃO**

O cenário dos Jogos Parapan-Americanos de 2011 foi Guadalajara, México. Entre os dias 12 e 20 de novembro, a cidade parou para receber 1.300 para-atletas, representantes de 24 países, sendo 222 os brasileiros. Inegavelmente, este é um evento de relevância mundial que por todas as suas características, contexto histórico e importância no mundo dos esportes, rende dezenas de pautas durante os dias de sua realização.

A análise proposta por esse artigo se baseia em duas questões centrais: a quantidade de matérias veiculadas nos jornais diários de Cascavel, *O Paraná* e *Gazeta do Paraná*, sobre os Jogos Parapan-Americanos de 2011 e a abordagem jornalística que elas receberam.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do 7º período do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Faculdade Assis Gurgacz (FAG). nah.sartorato@gmail.com

<sup>2</sup> Professor orientador. cchauptmann@fag.edu.br

Para que se possa compreender como se deu o processo jornalístico de elaboração, produção e seleção das notícias veiculadas sobre o evento sem cair absolutamente em um reducionismo - apontado por Pena (2005) como a sina de qualquer tentativa de teorização; se faz necessário um breve resgate histórico do jornalismo esportivo no Brasil com ênfase aos esportes olímpicos, do surgimento dos Jogos Parapan-Americanos e, conseqüentemente, dos Jogos Paralímpicos<sup>3</sup>.

O que se pretende, no entanto, não é afirmar qual seria o caminho ideal para a imprensa esportiva diária brasileira, mas sim incitar a reflexão sobre o modo como se faz jornalismo hoje, principalmente quando a pauta se mostra distante da realidade local e os personagens que representam as minorias sociais são, muitas vezes, menosprezados pelos repórteres de *hard news*<sup>4</sup>.

Não se trata, portanto, de uma análise da perspectiva mercadológica da informação. O foco deste estudo é a função social do jornalismo que, como esclarece Noblat (2003) “existe para servir antes de tudo ao conjunto de valores mais ou menos consensuais que orientam o aperfeiçoamento de uma determinada sociedade, [...] como a liberdade, a igualdade social e o respeito aos direitos fundamentais do ser humano”.

## O JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL

A paixão nacional, que ainda hoje é o assunto de maior destaque nas editorias esportivas brasileiras, foi também o que impulsionou o surgimento de todas elas. Coelho (2008) afirma que em 1925 o futebol já era o esporte nacional e, no entanto, os jornais dedicavam espaços mínimos a ele.

Só no fim da década de 1960, os grandes cadernos de esportes tomaram conta dos jornais. [...] Dessa época pra cá, os principais jornais de São Paulo e do Rio lançaram cadernos esportivos e deles se desfizeram, como se tratasse de objeto supérfluo. Gastar papel com gols, cestas, cortadas e bandeiradas nunca foi prioridade. (COELHO, 2008, p. 10)

Li-Chang Sousa (2006) lembra que o grande marco para a imprensa escrita foi a Copa do Mundo de 1970.

<sup>3</sup> Segundo informações do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), a nova redação foi uma orientação do *International Paralympic Committee* (IPC) para o Brasil se alinhar mundialmente aos demais países, inclusive os de língua portuguesa, que utilizam “paralímpico” e não “paraolímpico”. Agora toda nomenclatura será “paralímpico” e “paralimpiada”.

<sup>4</sup> Motta explica que o termo *hard news* se refere às notícias factuais, de interesse imediato, com estrutura mais “rígida” obedecendo ao modelo da “pirâmide invertida”, elencando os acontecimentos pela importância que o jornalista atribui a eles. (MOTTA, 2000, p. 14)

Em plena ditadura militar, e com o apelo da conquista do tri-campeonato pela seleção brasileira, os jornais aumentaram o espaço dedicado ao noticiário esportivo. Passou a ser comum edições em que as notícias esportivas eram tratadas com mais destaque que aquelas de outras editorias, principalmente as mais passíveis de censura – economia, política e cotidiano. (SOUSA, 2006, p. 6)

Segundo Coelho (2008), as publicações voltadas para os esportes olímpicos só começaram a aparecer a partir dos anos 80, como a revista Saque (1984), especializada em vôlei; a revista Lance Livre, que falava sobre basquete, mas não decolou; e a revista Superbasquete, datada do final dos anos 90.

#### A SOCIALIZAÇÃO ATRAVÉS DO ESPORTE: HISTÓRIA DO ESPORTE PARALÍMPICO E PARAPAN-AMERICANO<sup>5</sup>

O registro mais antigo que se tem da prática de esportes por para-atletas data de 1888, com a existência de clubes esportivos para pessoas surdas na Alemanha. Porém, apenas em 1922 foi fundada a Organização Mundial de Esportes para Surdos (CISS). Foi essa deficiência que motivou a realização da primeira competição internacional - os Jogos Silenciosos, que aconteceram em 1924 na França.

Entretanto, o marco para o esporte paralímpico foi o término da Segunda Guerra Mundial, em 1945, quando um considerável número de soldados envolvidos nos conflitos, veio a ficar paraplégicos ou tetraplégicos. Tal fato motivou o alemão Ludwig Guttman a iniciar um trabalho de reabilitação médica e social dos veteranos de guerra através das práticas esportivas.

Em 1948 aconteceu na Alemanha a primeira competição para atletas com deficiência. Quatro anos depois, atletas holandeses também começaram a competir com os alemães, decretando o surgimento do movimento internacional que viria a se concretizar com a realização da primeira Paralimpíada em 1960, em Roma.

Sete anos depois aconteceu a primeira edição dos Jogos Parapan-Americanos em Winnipeg, Canadá, onde atletas paraplégicos de seis países competiram. Até 1995 foram realizadas nove edições similares desta competição: Buenos Aires, Argentina em 1969; Kingston, Jamaica em 1971; Lima, Peru em 1973; Cidade do México, México em 1975; Rio de Janeiro, Brasil em 1978; Halifax, Canadá em 1982; Aguadillas, Porto Rico em 1986; Caracas, Venezuela em 1990 e Buenos Aires, Argentina em 1995.

---

<sup>5</sup> Informações fornecidas pelo Comitê Paralímpico Brasileiro em seu *website*: <http://www.cpb.org.br>.

O esporte paralímpico surge no Brasil em 1958, com a criação do Clube do Otimismo e do Clube dos Paraplégicos de São Paulo (CPSP). Em 1959, o ginásio do Maracanãzinho, no Rio de Janeiro, foi palco do primeiro jogo de basquetebol em cadeira de rodas do país entre os paulistas do CPSP e os cariocas do Clube do Otimismo.

Em 1969, 10 anos depois, o Brasil participou dos Jogos Parapan-Americanos de Buenos Aires, na Argentina. Em 1972, o Brasil foi representado pela primeira vez em uma Paralimpíada, realizada na cidade alemã de Heidelberg. No ano de 1978 foi a vez de o Brasil sediar uma edição dos Jogos Pan-Americanos em Cadeira de Rodas, disputada no Rio de Janeiro.

A fundação da Associação Brasileira de Desportos para Cegos (ABDC) e da Associação Brasileira de Desportos em Cadeira de Rodas (ABRADECAR) data de 1984. Em 1989 foi criada a Associação Brasileira de Desportos de Deficientes Mentais (ABDEM). Um ano depois, surgiu a Associação Brasileira de Desporto para Amputados (ABDA).

A formalização dos Jogos Parapan-Americanos se deu em 1999 na Cidade do México e contou com a participação de 1.200 atletas de 20 países. De lá pra cá, a realização se deu periodicamente a cada quatro anos.

#### MUITO DE UM E POUCO DO OUTRO...

O corpus desta primeira parte da pesquisa, essencialmente quantitativa e comparativa<sup>6</sup>, é constituído por 61 exemplares dos jornais O Paraná e Gazeta do Paraná, sendo 18 exemplares de O Paraná e 20 exemplares da Gazeta do Paraná referentes ao período de 12 de outubro a 01 de novembro de 2011, compreendendo desde dois dias antes até dois dias depois da realização dos Jogos Pan-Americanos de 2011, e 11 exemplares de O Paraná e 12 exemplares da Gazeta do Paraná, referentes ao período de realização dos Jogos Parapan-Americanos, iniciando dois dias antes da abertura do evento, em 10 de novembro e finalizando dois dias após o término, em 22 de novembro de 2011.

Vale registrar que o jornal O Paraná não circula as segundas-feiras e o jornal Gazeta do Paraná não circulou nos dias 13 de outubro e 15 de novembro de 2011, neste último por ocasião do feriado da Proclamação da República no Brasil. Apenas as notas, matérias e reportagens publicadas nos cadernos e/ou editorias de Esportes foram contabilizadas.

---

<sup>6</sup> Gil conceitua o método comparativo de pesquisa social como sendo a investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, com vistas a ressaltar as diferenças e similaridades entre eles. (GIL, 1999, p. 34)

O que se verifica na análise comparativa da quantidade de publicações veiculadas sobre os dois eventos é um claro processo de seleção. Em relação aos Jogos Pan-Americanos, nas 38 edições analisadas foram encontradas 226 publicações. Já nos 23 exemplares referentes aos Jogos Parapan-Americanos foram registradas apenas seis publicações.

#### EVENTOS SEMELHANTES COM VISIBILIDADES OPOSTAS

Como justificar a disparidade na visibilidade jornalística de dois eventos tão parecidos? A resposta talvez esteja na herança deixada pelos primeiros jornais. Kunczik (2002) lembra que a seleção de notícias que era feita no início do século XVII estava diretamente vinculada a fatores gráficos, como a utilização de letras menores, páginas maiores e edições mais volumosas. A partir do século XVIII, a periodicidade com que os jornais eram publicados passou gradativamente de semanal para diária, o que garantiu que uma variedade maior de matérias pudesse ser apresentada aos leitores. Entretanto, o século XIX trouxe consigo os avanços tecnológicos, o que para Kunczik (2002) agravou a seleção de notícias, resultando em um desequilíbrio entre o que ele denomina notícia disponível e notícia utilizável.

Trazendo esta reflexão para os dias atuais, percebe-se que o processo seletivo das notícias pouco difere daquele utilizado há pelo menos um século. Os jornais diários ainda se valem dos espaços disponíveis em cada edição como critério determinante da veiculação ou não de uma matéria e abusam dos artifícios tecnológicos, apresentando aos leitores, costumeiramente, os fatos de mais fácil apuração, mesmo que estes não sejam os de maior relevância e interesse público. A lógica do *hard news* também prevalece onde apenas quatro das seis perguntas básicas do jornalismo são respondidas, deixando de lado aquelas cuja apuração exige maior capacidade analítica e compreensão dos fatos: como e por quê. Evidencia-se, portanto, a preferência pelo jornalismo de registro, que faz uso de técnicas para narrar e registrar os acontecimentos, sem a necessidade de interpretá-los para obter respostas.

A reportagem é a alma, a essência do jornalismo. Apurar e divulgar notícias, contar uma boa história, que seja verdadeira, que tenha sido bem checada e que responda às perguntas básicas do o quê, quando, onde, como, quem e por quê é o dever de todo bom jornalista. (BARBEIRO; RANGEL, 2012, p. 19)

A linha “político-editorial” e o tom institucional dos jornais são outros aspectos preponderantes durante este processo. Medina (2002) pode auxiliar na compreensão desta situação.

A predeterminação de quem se deve ouvir na reportagem é inerente ao jornalismo acoplado a grupos de poder (econômico ou político ou cultural). [...] O autoritarismo institucional acentuou a limitação de vozes no circuito da comunicação coletiva. Como não podia deixar de ser, a pluralidade de pontos de vista foi negada à sociedade brasileira através do grande sistema da indústria cultural. (MEDINA, 2002, p. 35)

Das seis publicações encontradas a respeito dos Jogos Parapan-Americanos de 2011, duas foram veiculadas no jornal O Paraná e as outras quatro na Gazeta do Paraná, o que demonstra que ambos os veículos de comunicação optaram por não priorizar o acontecimento, validando a teoria de Noblat (2003).

A maioria dos jornais e dos jornalistas sucumbiu há muito tempo ao mecanismo perverso da pauta comum de assuntos. Parece haver entre eles um entendimento tácito: se fizerem jornais iguais ou pelo menos parecidos, irão juntos para o céu. (NOBLAT, 2003, p. 42)

Outro aspecto que merece reflexão diante da comprovada escassez de publicações sobre o Parapan é o papel do jornalista na sociedade, já que, como afirma Erbolato (1978, p. 46), “o que sabemos sobre os assuntos de interesse público depende do que nos informam os veículos de comunicação”. Lage (1985) reforça essa ideia ao colocar lado a lado informação e democracia.

Se a capacidade de decisão de cada pessoa depende das informações que recebe e se a democracia é o exercício do poder, em última instância, por essas pessoas, não há dúvida quanto à necessidade de diversificar o fluxo de informação e estabelecer critérios mais adequados de seleção. (LAGE, 1985, p. 52)

Fica nítida também a ausência de uma continuidade das reportagens, que se faria necessária tendo em vista que o Parapan teve duração de nove dias, sendo que os acontecimentos de um dia determinariam o que aconteceria nos dias subsequentes. Observa-se que apenas foram publicadas matérias no segundo, sétimo e último dia da competição e houve também uma matéria publicada dois dias após o término do evento.

Nem todo mundo acompanha o esporte continuamente. Por isso se deve fazer uma suíte didática do tema tratado, partindo-se do pressuposto que se fala para um público de conhecimento mediano e mesmo os aficionados podem ter perdido alguma informação importante. Não economize didatismo. (BARBEIRO; RANGEL, 2012, p. 22)

Porém, a falta de continuidade das reportagens é mais um problema herdado e cultivado pelos jornais diários, tendo em vista o relato de Kunczik (2002, p. 222) de que “o constante

declínio na continuidade devido ao crescimento do volume de notícias é evidenciado pelo fato de que em 1622, dois terços das notícias eram contínuas, em comparação com somente um quarto em 1906.”

Ainda, na comparação entre os dois eventos, parece haver uma tendência jornalística à ampliação das vozes proeminentes na sociedade e um rebaixamento daquelas que pouco se ouve. Na edição do dia 22 de outubro de 2011, por exemplo, o jornal Gazeta do Paraná trouxe uma matéria sobre a vitória da seleção feminina de vôlei, que conquistou a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos. Nesta matéria, há duas declarações do técnico da seleção, José Roberto Guimarães.

O mais importante é que foi uma vitória do grupo. O que mais preconizo é que precisamos ter um grupo e não apenas seis jogadoras. As que entram têm que manter o nível ou até melhorar. [...] Não foi um sentimento de vingança, mas sim de responsabilidade. Queríamos muito ganhar esse ouro. (GAZETA DO PARANÁ, 2011).

Entretanto, na edição do dia 20 de novembro de 2011 do mesmo jornal, há apenas uma nota sobre a conquista da medalha de ouro da seleção brasileira de vôlei sentado nos Jogos Parapan-Americanos. Não houve espaço para nenhuma declaração, quer de um dos para-atletas, quer do técnico. Este silenciamento das vozes minoritárias afeta diretamente a construção da cidadania, como afirma Marques de Melo (2007).

Esse desprezo pelas camadas sociais que constituem a base da nossa pirâmide social explica a natureza episódica, residual e intermitente dos espaços dedicados ao povo em movimento, vale dizer, à construção da nossa cidadania, na grande mídia. (MARQUES DE MELO, 2007, p. 29)

De fato, os jornalistas precisam atentar para a importância da informação que proliferam ou sufocam, compreendendo que ela pode ser a responsável pela noção de liberdade e democracia que os cidadãos adquirem.

A era da chamada sociedade de informação é também a da produção de estados mentais. É preciso pensar de maneira diferente, portanto, a questão da liberdade e da democracia. A liberdade política não pode se resumir no direito de exercer a própria vontade. Ela reside igualmente no direito de dominar o processo de formação dessa vontade. (MATTELART, 2002, p. 187)

Perante estas reflexões é plausível inferir que o jornalismo diário moderno precisa se libertar das amarras que o prendem ao século anterior e repensar o processo de produção das

notícias, a fim de encontrar métodos mais eficazes de apresentá-las aos leitores e, desta forma, garantir sua permanência no mercado.

É feita a crise. Estou convencido de que donos de jornal e jornalistas compartilham o firme propósito de acabar com os jornais. Ou então são burros. Até admito que acabar com os jornais não seja a real intenção deles. Quando nada porque os donos ficariam sem seus negócios e os jornalistas, sem seus empregos. Mas que parece terem firmado uma santa aliança para acabar com os jornais, parece sim. Os donos porque administram mal as empresas; os jornalistas porque insistem com um modelo de jornal que desagrada às pessoas. (NOBLAT, 2003, p. 13)

## E O CONTEÚDO?

Esta segunda etapa do estudo é o ponto-chave de toda reflexão. A partir das matérias encontradas nos dois jornais sobre os Jogos Parapan-Americanos de 2011, é feita a análise do conteúdo, partindo-se da hipótese de que, antes de ser um evento esportivo que objetiva um desempenho atlético de alto nível para a conquista de medalhas, o Parapan é uma forma de incluir socialmente os para-atletas.

Podemos comprovar esta hipótese com a leitura do Estatuto Social<sup>7</sup> do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), órgão que, ao lado do Comitê Paralímpico Internacional (IPC) organiza os Jogos Parapan-Americanos.

Art. 19º. O CPB tem, de acordo com suas finalidades e competências, dentre outros, por objetivos, promover e apoiar: I - As ações que dêem oportunidades ao envolvimento e o desenvolvimento de pessoas com deficiência, em especial: [...] b) Na inclusão, reabilitação e socialização destas, por meio do esporte. [...] VII - As ações de incentivo a estudos e pesquisas direcionados a: [...] d) Estímulo a campanhas de divulgação com o fim de informar, esclarecer e conscientizar a sociedade, o poder público, o meio empresarial e a mídia acerca da potencialidade da pessoa com deficiência. (COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO, 2011, p. 6)

O objeto desta pesquisa, então, deixa de ser a quantidade e passa a ser a abordagem utilizada pelos jornais locais de Cascavel para noticiar os acontecimentos relativos ao Parapan, procurando apurar se as premissas definidas pelo CPB se aplicam às rotinas jornalísticas ou se a apuração fica restrita a superficialidade, esquecendo-se as particularidades intrínsecas ao esporte praticado por para-atletas.

---

<sup>7</sup> Disponível no *website*: <http://www.cpb.org.br>.



Dentre as seis publicações encontradas, duas se enquadram no gênero jornalístico nota e as outras quatro cabem no gênero notícia<sup>8</sup>. O que se percebe num primeiro momento é que todas elas focaram na divulgação de informações quantitativas, desde o título até o conteúdo em si, com ênfase à obtenção de resultados na competição.

Este tratamento superficial e objetivo se justifica pelo fato de que os jornais estudados obtiveram as informações referentes ao evento, por meio de agências de notícias. Para compreender seu funcionamento enquanto produtoras de conteúdo jornalístico, se faz pertinente promover um breve resgate histórico.

Essas agências foram criadas para vender notícias por atacado a governos, banqueiros, diplomatas, negociantes, corretores, armadores e transportadores. Logo depois, passariam a atender à clientela mais nova e diversificada representada pelos jornais, pelo que se convencionou chamar de jornal de mercado médio. Como os clientes antigos e novos representavam diferentes segmentos da população, as agências, beneficiadas e, ao mesmo tempo, cobradas pelas novas realidades, foram obrigadas a manter um certo grau de imparcialidade. Impôs-se a confecção de um noticiário equilibrado, de forma a contemplar todos os lados da questão. [...] Passaram a vender notícias uniformes, neutras e imparciais a jornais politicamente diversos. Daí a adoção do conceito que mais tarde seria chamado de objetividade. (AMARAL, 1996, p. 28)

Porém, enquanto veículo de comunicação local, os jornais deveriam assumir a preocupação em trazer a pauta para sua realidade, realizando assim, com antecedência, pesquisa e apuração de informações que pudessem tornar o assunto mais relevante e pertinente para seus leitores. A isso, Noblat (2003) refere-se como jornalismo histórico.

Fossem os jornais e os jornalistas menos escravos das notícias da véspera, poderiam dedicar-se também a um tipo de jornalismo que só raras vezes é produzido — o jornalismo histórico. O que por meio de pesquisas, entrevistas e consultas a documentos revisita episódios importantes da vida de um povo que jazem esquecidos e incompletos. Pois, se for um profissional de bom nível, o jornalista poderá sair-se bem como historiador. (NOBLAT, 2003, p. 30)

De forma complementar, Barbeiro e Rangel (2012) entendem que a pauta tem papel preponderante na contextualização histórica, que não pode ser apenas uma sucessão de datas, nomes e fatos, sendo necessária uma reflexão sociológica e histórica.

---

<sup>8</sup> Para Marques de Melo, a nota corresponde ao relato de acontecimentos que estão em processo de configuração. A notícia é o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. (MARQUES DE MELO, 1994, p. 65). Entretanto, percebe-se uma descaracterização destes conceitos nos veículos de comunicação, sobretudo nos jornais diários, que fazem uso da nota e da notícia mediante a quantidade de informações apuradas e o espaço ocupado por elas nos jornais, sendo a nota menor que a notícia.

Robert Ezra Park (MATTELART, 2002), membro da Escola de Chicago e autor de uma tese de doutorado, em 1903, sobre “a massa e o público”, concebia, ainda no início do século passado, as pesquisas sociológicas como forma superior de reportagem, sendo imperativa a presença do jornalista nas comunidades para identificar a função assimiladora dos jornais.

Caso tivessem realizado previamente uma pesquisa sociológica ou histórica, os jornalistas descobririam, por exemplo, que o município de Cascavel tem feito muito pouco para incentivar a integração social de portadores de deficiência através do esporte. Apesar de existir uma estrutura física capaz de atender os para-atletas; com piscina semiolímpica aquecida, miniginásio adaptado e pista de atletismo oficial, não existem políticas públicas que incentivem essa prática desde as categorias de base. Segundo informações obtidas juntamente à Secretaria de Esporte de Cascavel, o município possui até um Núcleo de Iniciação Esportiva para Pessoas Portadoras de Deficiências (NID PPD), voltado exclusivamente à introdução ao esporte. Entretanto, o projeto parece ainda não ter funcionalidade efetiva.

Todavia, Cascavel não é a exceção e sim a regra. Através de uma pesquisa no *website* da Agência de Notícias do Paraná, foi possível identificar, em âmbito estadual, apenas o Programa Talento Olímpico do Paraná (TOP), que consiste na identificação de jovens esportistas com potencial para disputar Olimpíadas e Paralimpíadas de 2016 e/ou 2020. Os 352 atletas e 48 para-atletas selecionados pelo programa recebem uma bolsa no valor de R\$500, enquanto os 50 técnicos de atletas e seis de para-atletas recebem R\$850 mensais. Na relação de para-atletas beneficiados, há somente um nome cascavelense, localizado na modalidade atletismo. Como ficam, então, aqueles que iniciaram a prática do esporte há pouco tempo? Só receberão apoio financeiro e técnico quando, e se demonstrarem, através de seu desempenho atlético, que podem trazer conquistas para o Paraná? Afinal, este apoio é dado para assegurar destaque ao Estado ou para promover a inclusão social dos portadores de necessidades especiais a partir das práticas esportivas?

Diante destes fatos, é oportuno questionar: não seria a realização dos Jogos Parapan-Americanos de 2011, um momento propício para expor aos leitores as informações acerca das políticas públicas locais e estaduais voltadas à prática esportiva de atletas portadores de deficiência? O que impossibilitaria os veículos de comunicação estudados de trabalhar a pauta por este viés político, visto que, seguramente, isto aproximaria um evento internacional do público-alvo dos jornais locais e despertaria maior interesse por parte dos leitores, conferindo elevada credibilidade a ambos os jornais? Contudo, o que se torna visível é exatamente o oposto: uma tentativa de mascarar um assunto com a sobreposição de outro.

A busca do divertimento inclina, sem que haja necessidade de pretendê-lo explicitamente, a desviar a atenção para um espetáculo (ou um escândalo) todas as vezes que a vida política faz surgir uma questão importante, mas de aparência tediosa. (BORDIEU, 1997, p. 139)

Além da ausência de pesquisa história, apuração e aperfeiçoamento da pauta, nota-se também nas matérias analisadas uma rigidez excessiva, um não envolvimento com o personagem e uma imparcialidade que, ao contrário do que pregam os manuais de jornalismo, em nada enriquecem o conteúdo publicado, especialmente quando os personagens em questão são donos de condições físicas e sociais que merecem ser humanizadas. Para Erbolato (1978, p.28), isso seria “levar a informação até o ambiente do leitor, de maneira que ele a sinta, [...] enquadrar o personagem de um acontecimento no mesmo cenário que a maioria dos leitores”.

Em nenhuma das publicações, por exemplo, existe registro sobre a deficiência específica de cada atleta citado e em apenas uma há citação de personagem. Sente-se, portanto, que os repórteres não possuíam o conhecimento necessário sobre o evento que estavam noticiando, caso contrário, teriam esclarecido aos leitores que os esportes paralímpicos são divididos em modalidades e, dentro destas modalidades, os para-atletas são agrupados em função da deficiência que apresentam, sendo essa categorização variável de acordo com o esporte praticado. Este despreparo apresentado pelos jornalistas que cobrem a editoria de Esportes é condenado por Barbeiro e Rangel (2012, p. 21), que recomendam que “o repórter esportivo deve sempre ter o regulamento do campeonato nas mãos para qualquer dúvida. Estudar as regras do esporte que cobre [...] é rotina para um bom repórter”.

Os para-atletas foram tratados pelos dois veículos de comunicação como atletas sem nenhuma característica que os diferencia dos demais. Não fossem as expressões “Parapan”, “Jogos Parapan-Americanos” e “para-atletas”, os leitores não conseguiriam identificar que se tratava de uma competição esportiva praticada por atletas com necessidades especiais, comprovando a falta de sensibilidade por parte dos jornalistas que, vale lembrar, são antes de tudo comunicadores sociais.

Enquanto insistirmos na competência do fazer, despojada de significado humano, pouco se avançará no diálogo possível numa sociedade em que impera a divisão, a grupalidade, a solidão. Se os meios são de comunicação, que se encare então o que é comunicar, interligar. (MEDINA, 2002, p. 6)

Analisando individualmente cada jornal, constata-se que O Paraná se limitou a fazer o registro do acontecimento dos Jogos Parapan-Americanos de 2011. Isso porque publicou

somente duas matérias sobre o assunto, sendo uma em 13 de novembro - dia seguinte ao início do evento; intitulada “Parapan: Brasil quer liderança com novo recorde de medalhas” e outra veiculada apenas dois dias após o término dos jogos, em 22 de novembro, apresentando o chapéu<sup>9</sup> “PARAPAN” e o título “Brasil conquista o bi dos Jogos e vai com moral para Londres”.

Partindo da leitura inicial dos títulos já é possível identificar o foco das notícias: medalhas. A primeira matéria demonstra a expectativa acerca da conquista e a segunda relata o resultado obtido. No entanto, ficaram esquecidos neste método de seleção noticiosa todos os fatores que contribuíram para tornar concretas as expectativas disseminadas pelo jornal, inclusive no que diz respeito à reabilitação dos para-atletas, ao seu treinamento, à classificação para a competição, enfim, todo o lado humano foi ignorado. Não bastasse a indiferença com que trata os para-atletas, a imprensa, juntamente com o CPB, ainda os incumbiu de elevar o País à liderança do quadro de medalhas, sem se preocupar minimamente com a inclusão social e superação que permeiam e, em última instância, justificam a participação destes atletas em competições internacionais. Tal posicionamento fica visível em alguns trechos da primeira matéria.

O CPB (Comitê Paraolímpico Brasileiro) acredita que os paratletas (sic) que disputarão a competição podem, mais uma vez, deixar os rivais e os próprios limites para trás e levar o País ao topo do quadro de medalhas. [...] A intenção não é “apenas” conquistar mais pódios do que as outras 25 nações participantes. O objetivo do CPB é quebrar a marca histórica alcançada há quatro anos no Rio. (O PARANÁ, 2011)

Na segunda matéria, que traz o balanço geral do evento, destaca-se a frase final, em que o judoca brasileiro Antônio Tenório, favorito na categoria até 100kg, é apresentado como “a maior decepção ao ficar apenas com a prata”. O posicionamento assumido pelo jornal evidencia o caráter emergencial de um processo de humanização das redações, que parecem ainda não terem absorvido a essência do jornalismo.

Os jornalistas aprendem desde cedo que devem perseguir a verdade a qualquer preço. Mas quando se deparam com uma notícia e são obrigados a servi-la à consideração do distinto público, só então descobrem que a essência de sua missão não é escrever a verdade. Cabe aos jornalistas escolher a verdade. Querem responsabilidade maior do que essa? Deveríamos ser pessoas corcundas, vergadas pelo peso da tarefa de chegar à verdade. E deveríamos também ser mais velhos e experientes. (NOBLAT, 2003, p. 38)

No jornal Gazeta do Paraná, encontram-se duas matérias e duas notas. A primeira matéria foi publicada em 13 de novembro de 2011, com o título “Bem além dos seus limites” seguido da

---

<sup>9</sup> De acordo com o Manual de Redação da Folha de S. Paulo (1992), chapéu é a palavra ou expressão curta colocada acima de um título. Usada para indicar o assunto de que trata o texto ou os textos que vêm abaixo dela.

linha fina<sup>10</sup> “No Parapan, Brasil quer liderança com novo recorde no quadro de medalhas”. A segunda matéria aparece na edição do dia 18 de novembro, intitulada “Dias conquista dois ouros e quebra recordes”. Em 20 de novembro, foram publicadas as duas notas, uma apresentando o chapéu “PARAPAN” e o título “Dias supera marca do Rio-2007” e outra com o chapéu “PARAPAN II” e o título “Brasil fica com ouro no vôlei”.

O tratamento conferido às notícias por este veículo de comunicação em pouco difere daquilo que observamos anteriormente. Notamos na primeira matéria a tentativa de incorporar aos personagens o sentimento de superação, que no decorrer do texto se desfaz, voltando o foco para as medalhas.

Superar: verbo transitivo direto, sinônimo de vencer adversários, passar por cima das adversidades e exceder expectativas. Fora do dicionário, a palavra vira lema de uma legião de atletas e meta ousada do Comitê Paraolímpico Brasileiro. Desde ontem, a entidade acredita que os 222 brasileiros que disputarão os Jogos Parapan-Americanos de Guadalajara podem mais uma vez deixar os rivais e os próprios limites para trás e levar o país ao topo do quadro de medalhas. “Queremos o maior número possível de medalhas em todas as modalidades. É uma meta bastante ousada, mas factível e perfeitamente alcançável [...]”. (GAZETA DO PARANÁ, 2011)

Os atletas continuam a ser vistos como números no quadro de medalhas e suas deficiências permanecem ignoradas, como se não fossem o pretexto permanente da organização do evento em questão. Na segunda matéria, vários nadadores brasileiros têm suas conquistas divulgadas, bem como as marcas alcançadas e a quebra dos recordes. Porém, não há a voz de nenhum dos personagens citados, sendo apenas uma matéria de registro dos resultados.

Na primeira nota publicada no dia 20 de novembro, o personagem em destaque é o nadador Daniel Dias. Desta vez, notamos a presença de uma declaração do atleta, mas, novamente, com o foco voltado para a conquista esportiva: “Aqui (em Guadalajara) foram recordes Parapan-Americanos. Em Londres, eu espero bater os mundiais. Não só os que eu não tenho (são cinco). Quero melhorar também minhas próprias marcas”.

Aqui vale questionar se o equívoco de abordagem nasce na pauta ou se é fruto do olhar crítico e das técnicas de entrevista incorporadas pelo repórter nas rotinas produtivas. Quanto a isso, Medina (2002) propõe a substituição da entrevista pelo diálogo, para que se possa atingir uma condição de comunicação humanizada.

---

<sup>10</sup> O Manual de Redação da Folha de S. Paulo (1992) define linha fina como sendo a frase ou período sem ponto final, que aparece abaixo do título e serve para completar seu sentido ou dar outras informações. Funciona como subtítulo.

A entrevista pode ser apenas uma eficaz técnica para obter respostas pré-pautadas por um questionário. Mas certamente não será um braço da comunicação humana, se encarada como simples técnica. Esta - fria nas relações entrevistado-entrevistador - não atinge os limites possíveis da inter-relação, ou, em outras palavras, do diálogo. Se quisermos aplacar a consciência profissional do jornalista, discuta-se a técnica da entrevista; se quisermos trabalhar pela comunicação humana, proponha-se o diálogo. (MEDINA, 2002, p. 5)

As observações anteriores cabem também para a segunda nota, que tem como pauta a conquista da seleção brasileira de vôlei sentado. Chama a atenção o fato de nenhum atleta da equipe ter sido nominado, incluindo os membros da comissão técnica, e de não aparecer informação a respeito do gênero desta seleção. Teriam essas informações sido suprimidas pela falta de espaço na edição ou seria mero descaso no momento da apuração?

Talvez as duas possibilidades estejam atreladas às teorias do “*agenda setting*” e da “*espiral do silêncio*”. A primeira é definida por Barros Filho (1995, p. 169) como “a hipótese segundo a qual a mídia, pela seleção, disposição e incidência de suas notícias, vem determinar os temas sobre os quais o público falará e discutirá”. Já a “*espiral do silêncio*”, de autoria da alemã Elisabeth Noelle-Neumann, é mais abrangente.

A “*espiral do silêncio*” não se limita a apontar uma coincidência temática entre mídia e público (proposta inicial do *agenda setting*), pois também constata que a abordagem dada pelos meios a determinado fato, respeitadas algumas condições de consonância, acaba se impondo de maneira progressiva. Ou seja, depreende-se dessa hipótese que os meios não se limitam a impor os temas sobre os quais se deve falar, mas também impõem o que falar sobre esses temas. (BARROS FILHO, 1995, p. 211)

A baixa incidência das publicações relativas ao Parapan 2011 evidencia que atualmente este tema não integra o menu seletivo de informações da mídia, o que por si só caracterizaria uma postura autoritária dos meios de comunicação ao impor sobre o que falar, impedindo que os leitores tenham conhecimento e possam desenvolver uma consciência crítica sobre outros temas.

Porém, fundamentando-se na “*espiral do silêncio*”, ao colocar luz sobre um fato, os jornais ainda silenciam outros fatos ou aspectos do mesmo fato, remetendo-os ao esquecimento. Ou seja, ao manterem o foco no rendimento esportivo, na quantidade de medalhas conquistadas e nos recordes batidos, os jornalistas distanciaram-se do aspecto mais relevante, o humano. Como se uma coleção de medalhas pudesse amenizar o fato de não existirem, de forma efetiva, políticas públicas voltadas a estes atletas. Afinal, trata-se de um evento com evidente intenção de inclusão das pessoas com necessidades especiais através dos esportes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em qualquer estudo que se faça sobre o modo como é praticado o jornalismo diário atualmente, é fácil notar a inexistência de uma reflexão cotidiana por parte dos profissionais da imprensa. A imensidão de técnicas e a busca por valores como imparcialidade e objetividade acabaram por transformar os jornalistas em uma espécie de máquina feita para produzir (ou reproduzir) informações da forma mais rápida quanto for possível.

Ignora-se a grandiosidade do papel social destes profissionais, que deveriam se comportar de tal maneira que fosse possível chamá-los de agentes transformadores locais. As condições que permearam o surgimento do jornalismo nos séculos passados já não são observáveis em nossa sociedade e, por esta razão, não se deve admitir que o modo de fazer continue atrelado ao passado com ares tão conservadores.

Na análise construída a partir da perspectiva dos Jogos Parapan-Americanos de 2011 que, como tornou evidente o resgate histórico, surgiram a partir da visualização de uma necessidade de incluir socialmente por meio do esporte aqueles cidadãos que apresentavam alguma deficiência física ou mental; percebe-se a existência de uma obstrução comunicacional, tendo em vista que, com o comportamento apresentado pela mídia, não puderam ser atendidas nem a meta da socialização dos para-atletas nem a meta jornalística de noticiar o desempenho e os resultados alcançados por eles na competição.

O que se propõe, portanto, é o exercício diário de pensar o fazer. Reconsiderar o processo noticioso como um todo, desde a pauta até a seleção e publicação, é o primeiro passo para elevar novamente o jornalismo ao patamar da comunicação social, que no momento parece distante de nossas redações.

Tornar os jornais diários interessantes aos leitores também é incumbência dos jornalistas. Isso pode ser feito de forma eficaz através de uma aproximação com a realidade local. No caso de um evento internacional como os Jogos Parapan-Americanos de 2011, os repórteres poderiam, por exemplo, optar por uma abordagem que priorizasse a cobrança de políticas públicas municipais e estaduais que propiciem aos para-atletas uma base esportiva adequada às suas necessidades, primando sempre pela humanização do personagem.

Há ainda a lógica do *marketing*, que reflete diretamente na obtenção de patrocinadores, recursos e apoio, sem os quais se torna inviável a participação em competições nacionais e internacionais. Neste sentido, a imprensa não pode converter-se em empecilho aos para-atletas,

deixando-os na obscuridade com a redução de espaço nas reportagens e dificultando sua visibilidade e a amplificação de suas vozes.

Entretanto, como não existem fórmulas prontas para se fazer jornalismo diário de qualidade, sobretudo na imprensa esportiva, em que é tênue a linha que divide informação e entretenimento, o que deve prevalecer é o lado humano. O jornalista que colocar em primeiro plano o personagem com todas as suas necessidades e anseios, estará mais próximo do jornalismo que acredita ser o ideal.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DO PARANÁ. **Governo amplia programa Talento Olímpico em 2012**. Disponível em <<http://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=67442&tit=Governo-amplia-programa-Talento-Olimpico-em-2012>>. Acesso em: 9 mai 2012.

AMARAL, Luiz. **A objetividade jornalística**. Porto Alegre: Sagra: DC Lezzato, 1996.

BARBEIRO, Heródoto e RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012

BARROS FILHO, Clóvis. **Ética na comunicação**. São Paulo: Moderna, 1995.

BORDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Novo estatuto do Comitê Paraolímpico Brasileiro**. 2011. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/wp-content/uploads/2011/11/Novo-estatuto-CPB.pdf>>. Acesso em: 15 mar 2012.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário**. Petrópolis: Vozes, 1978.

FOLHA DE S. PAULO. **Manual de Redação da Folha de S. Paulo**. 1992. Disponível em: <[http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual\\_redacao.htm](http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_redacao.htm)>. Acesso em: 08 mai 2012.

GAZETA DO PARANÁ. Cascavel, n. 6.780, 22 out. 2011.

\_\_\_\_\_. Cascavel, n. 6.801, 13 nov. 2011.

\_\_\_\_\_. Cascavel, n. 6.805, 18 nov. 2011

\_\_\_\_\_. Cascavel, n. 6.807, 20 nov. 2011



- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo: Norte e Sul: Manual de Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2002
- LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- \_\_\_\_\_. A utopia brasileira da mídia cidadã. **Revista Comunicação & Educação**. Ano XII. Número 1. Jan/Abr, 2007.
- MATTELART, Armand e Michèle. **História das teorias da comunicação**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista - O diálogo possível**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Narratologia: análise da narrativa jornalística**. Brasília: Casa das Musas, 2004.
- NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- O PARANÁ. Cascavel, n. 10.822, 13 nov. 2011.
- \_\_\_\_\_. Cascavel, n. 10.829, 22 nov. 2011.
- PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**. Rio de Janeiro: Contexto, 2005.
- SOUSA, Li-Chang Shuen Cristina Silva. **Noticiário esportivo no Brasil: uma resenha histórica**. 2006. Disponível em: <<http://www.educacaofisica.com.br/biblioteca/noticiario-esportivo-no-brasil-uma-resenha-historica.pdf>>. Acesso em: 20 mar 2012.